



Bispa Mariann Edgar Budde

discurso completo
da bispa MARIANN EDGAR BUDDE
que irritou Trump por pedir
misericórdia para os emigrantes



COMO PAÍS, REUNIMO-NOS ESTA MANHÃ PARA ORAR PELA UNIDADE – não por causa de um acordo, político ou outro, mas pelo tipo de unidade que promove a comunidade em detrimento da diversidade e da divisão. Uma unidade que serve ao bem comum. Unidade, nesse sentido, é um pré-requisito para que as pessoas vivam livremente e juntas em uma sociedade livre. É a rocha sólida, como disse Jesus, sobre a qual construir uma nação.

Não é conformidade. Não é vitória. Não é cansaço educado nem passividade nascida da exaustão. A unidade não é partidária. Em vez disso, a unidade é uma maneira de estar com os outros que acolhe e respeita nossas diferenças. Ela nos ensina a considerar múltiplas perspectivas e experiências de vida como válidas e dignas de respeito. Ela nos permite, em nossas comunidades e nas esferas de poder, realmente nos importarmos uns com os outros, mesmo quando discordamos.

Aqueles que, em todo o país, dedicam suas vidas ou se voluntariam para ajudar os outros em tempos de desastres naturais, muitas vezes correndo grande risco para si mesmos, nunca perguntam às pessoas que ajudam em quem votaram na última eleição ou qual é sua posição sobre um tópico específico. O melhor que podemos fazer é seguir o exemplo deles, porque a unidade às vezes é sacrificial, assim como o amor: doar-nos pelo bem dos outros.

No seu Sermão da Montanha, Jesus de Nazaré exorta-nos a amar não só o próximo, mas também os inimigos, a rezar por aqueles que nos perseguem, a ser misericordiosos como o nosso Deus é misericordioso, a perdoar os outros como Deus nos perdoa. perdoar nós. Jesus fez de tudo para acolher aqueles considerados párias em sua sociedade.

Agora, reconheço que a unidade, neste sentido amplo e expansivo, é uma aspiração, e há muito pelo que orar. É um grande pedido ao nosso Deus, digno do melhor que somos e podemos ser. Mas nossas orações serão de pouca utilidade se agirmos de maneiras que aprofundem ainda mais as divisões entre nós. As Escrituras são muito claras sobre esse ponto: Deus nunca fica impressionado com orações quando as ações não são influenciadas por elas. Deus não nos livra das consequências de nossas ações, que, no final, sempre importam mais do que as palavras que oramos.

Nós, aqui reunidos na catedral, não somos ingênuos em relação às realidades da política: quando o poder, a riqueza e os interesses concorrentes estão em jogo, quando as visões do que a América deveria ser estão em conflito, quando são defendidas opiniões fortes num espectro de possibilidades e entendimentos marcadamente diferentes sobre qual é o curso de ação correto. Haverá vencedores e perdedores quando votos forem lançados ou decisões forem tomadas que determinem a direção da política pública e a priorização de recursos.

Nem é preciso dizer que, em uma democracia, nem todas as esperanças e sonhos individuais podem ser realizados em uma determinada sessão legislativa ou mandato presidencial, ou mesmo em uma determinada geração. Ou seja, nem toda oração específica no mundo terá a resposta que gostaríamos. Mas para alguns, a perda de suas esperanças e sonhos será muito mais do

que uma derrota política: será uma perda de igualdade e dignidade, e de seus meios de subsistência.

Com isso em mente, é possível a verdadeira unidade entre nós? E por que deveríamos nos importar? Bem, espero que nos importemos. Espero que nos importemos porque a cultura de desprezo que se tornou normal neste país ameaça nos destruir. Somos todos bombardeados diariamente com mensagens do que os sociólogos agora chamam de "complexo industrial da indignação", algumas delas impulsionadas por forças externas cujos interesses são atendidos por um Estados Unidos polarizado. O desprezo alimenta campanhas políticas e medias sociais, e muitos se beneficiam disso, mas é uma maneira preocupante e perigosa de governar um país.

Sou uma pessoa de fé, cercada por pessoas de fé e, com a ajuda de Deus, acredito que a unidade neste país é possível — não perfeitamente, porque somos pessoas imperfeitas e uma união imperfeita — mas o suficiente para que todos possam compartilhar o mesmo fé. Continuemos a acreditar nos ideais dos Estados Unidos da América e trabalhemos para torná-los realidade. Ideais expressos na Declaração de Independência, com sua afirmação da igualdade e dignidade humanas inatas. E temos razão em pedir a ajuda de Deus em nossa busca pela unidade, porque precisamos da ajuda de Deus, mas somente se nós mesmos estivermos dispostos a cuidar dos fundamentos dos quais a unidade depende. Assim como a analogia de Jesus de construir uma casa de fé sobre a rocha de seus ensinamentos, em oposição à construção de uma casa sobre a areia, a fundação que precisamos para a unidade deve ser sólida o suficiente para resistir às muitas tempestades que a ameçam.

Quais são os fundamentos da unidade? Com base em nossas tradições e textos sagrados, deixe-me sugerir que há pelo menos três. O primeiro fundamento da unidade é honrar a dignidade inerente de cada ser humano, que, como todas as religiões aqui representadas afirmam, é o direito de nascença de todas as pessoas como filhos do nosso único Deus. No discurso público, honrar a dignidade dos outros significa recusar-se a zombar, rejeitar ou demonizar aqueles com quem discordamos, optando, em vez disso, por debater respeitosamente nossas diferenças e, sempre que possível, buscar um ponto em comum. E quando não é possível chegar a um consenso, a dignidade exige que permaneçamos fiéis às nossas convicções sem desconsiderar aqueles que têm suas próprias convicções.

O segundo fundamento da unidade é a honestidade, tanto em conversas privadas quanto em discursos públicos. Se não estivermos dispostos a ser sinceros, não há sentido em orar pela unidade, porque nossas ações vão contra as próprias orações. Podemos experimentar uma falsa sensação de unidade entre alguns por um tempo, mas não a unidade mais forte e ampla de que precisamos para enfrentar os desafios que enfrentamos. Agora, para ser justo, nem sempre sabemos onde está a verdade, e há muitas coisas por aí que vão contra a verdade. Mas quando sabemos o que é verdade, cabe a nós dizer a verdade, mesmo quando, especialmente quando, isso é difícil para nós.

O terceiro e último fundamento da unidade que mencionarei hoje é a humildade, da qual todos nós precisamos porque somos seres humanos falíveis.

Cometemos erros, dizemos e fazemos coisas das quais mais tarde nos arrependemos, temos os nossos pontos cegos e os nossos preconceitos, e somos talvez mais perigosos para nós próprios e para os outros quando estamos convencidos, sem sombra de dúvida, de que estamos absolutamente certos e que os outros estão totalmente certos. errado. Porque então estaremos a um passo de nos rotarmos como pessoas boas em vez de pessoas más. E a verdade é que todos nós somos pessoas: somos capazes tanto do bem quanto do mal. Como ALEXANDER SOLZHENITSYN astutamente observou: "A linha que separa o bem do mal não passa pelos estados, nem entre classes, nem entre partidos políticos, mas sim através de cada coração humano, através de todos os corações humanos."

E quanto mais percebermos isso, mais espaço teremos dentro de nós para a humildade e a abertura mútua acima de nossas diferenças. Porque, na verdade, somos mais parecidos do que pensamos e precisamos uns dos outros.

É relativamente fácil rezar pela unidade em ocasiões de grande solenidade. É muito mais difícil conseguir isso quando enfrentamos diferenças reais em nossas vidas privadas e na esfera pública. Mas sem união, estamos construindo a casa da nossa nação na areia. E com um compromisso com a unidade que abrace a diversidade e transcenda o desacordo, e com as bases sólidas de dignidade, honestidade e humildade que tal unidade exige, podemos fazer a nossa parte, em nosso tempo, para concretizar os ideais e o sonho da América.

Permita-me um último pedido. Senhor Presidente, milhões de pessoas depositaram sua confiança em você e, como disse à nação ontem, o senhor sentiu a mão providencial de um Deus amoroso. Em nome do nosso Deus, peço que tenha misericórdia do povo do nosso país que agora está com medo. Há crianças gays, lésbicas e transgêneros em famílias democratas, republicanas e independentes, algumas das quais temem por suas vidas. E as pessoas que colhem as nossas colheitas, limpam os nossos edifícios de escritórios, trabalham em explorações avícolas e em unidades de embalagem de carne, lavam pratos após as refeições em restaurantes e trabalham em turnos noturnos em hospitais: podem não ser cidadãos ou não ter a documentação adequada, mas a grande maioria dos imigrantes não são criminosos. Eles pagam impostos e são bons vizinhos. Eles são membros fiéis de nossas igrejas, mesquitas, sinagogas e templos.

Peço-lhe, Senhor Presidente, que tenha misericórdia daqueles em nossas comunidades cujos filhos temem que seus pais sejam levados embora, e que ajude aqueles que fogem de zonas de guerra e perseguição em suas próprias terras a encontrar compaixão e acolhimento aqui. Nosso Deus nos ensina que devemos ser misericordiosos com o estrangeiro, porque todos nós éramos estrangeiros nesta terra.

Que Deus nos conceda a força e a coragem para honrar a dignidade de cada ser humano, para falar a verdade uns aos outros com amor e para caminhar humildemente uns com os outros e com nosso Deus para o bem de todas as pessoas desta nação e de todos os povos. o mundo.

Ámen".